

## ANÁLISE DA COMPREENSÃO SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA DE PROFISSIONAIS DE CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA/SC

Rosiane Ronchi Nascimento Costa <sup>1,4</sup> Jaime Lin <sup>2,4</sup> Cínara Ludvig Gonçalves <sup>3</sup>

1. Estudante do Curso de Graduação em Psicologia, Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina - UNESC, Campus Criciúma, SC, Brasil. E-mail: [rosianeronchirn@unesc.net](mailto:rosianeronchirn@unesc.net)

2. Médico neurologista pediátrico, Professor Doutor do curso de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Tubarão, Santa Catarina, Brasil. E-mail: [linjaime1407@gmail.com](mailto:linjaime1407@gmail.com)

3. Professora Doutora do programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde e Coordenadora do Laboratório de Autismo e Neurodesenvolvimento - LAND, Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina - UNESC, Campus Criciúma, SC, Brasil. E-mail: [cinaralg@unesc.net](mailto:cinaralg@unesc.net)

4. Laboratório de Pesquisa em Autismo e Neurodesenvolvimento, Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Avenida Universitária, 1105, 88806-000, Criciúma, SC, Brazil.

(Os autores declaram não terem conflitos de interesses.)

### RESUMO

**Introdução:** O aumento de novos casos de transtorno do espectro autista (TEA), tem sido observado em vários países, sendo esses diagnósticos possíveis a partir da percepção precoce dos sintomas, e esses podem muitas vezes ser observados antes dos 24 meses de idade. Pelo fato de muitas crianças passarem a maior parte do tempo nas creches é indispensável a capacitação de profissionais da educação a respeito de TEA. **Objetivos:** Avaliar os conhecimentos de professores da educação infantil sobre os sinais do TEA. **Metodologia:** Questionário eletrônico referente a conhecimentos básicos sobre autismo aplicado em escolas e Centros de Educação Infantil Municipais (CEIM) de Criciúma/SC. **Resultados:** Esse estudo contou com a participação de 19 professores. Entre eles apenas 5,3% (1) não possui graduação. Identificou-se que 73,7% (14) já participaram de alguma capacitação sobre TEA. Mas quando questionados sobre sentirem que possuem conhecimentos necessários para fornecer um aprendizado adequado para esses alunos com TEA, 89,5% (17) responderam que não. **Conclusão:** Observou-se que entre os profissionais de educação ainda existem lacunas a respeito do autismo, principalmente nas questões que se referem a educação regular.

DOI: 10.32963/bcmufsc.v9i2.6242

**Indexadores:** Autismo; educação infantil; diagnóstico precoce

**Autor para contato:** Rosiane Ronchi Nascimento Costa

E-mail: [rosianeronchirn@unesc.net](mailto:rosianeronchirn@unesc.net)

### Introdução

O autismo e os transtornos relacionados são atualmente englobados dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo esses transtornos reconhecidos por apresentarem significativos déficit na interação social, comunicação, podendo apresentar padrões restritos e repetitivos <sup>1,26</sup>.

Nos últimos anos, tem se observado o aumento de novos casos de autismo em muitos países <sup>23</sup>. Este fato pode ter relação com a maior disponibilidade de conhecimento sobre o transtorno, que por sua vez, favorece a percepção de forma mais precoce e clara sobre os critérios de diagnóstico, embora ainda em muitos centros de saúde exista uma carência no reconhecimento dos sintomas do TEA <sup>14</sup>. Sintomas clínicos aparecem precocemente,

muitas vezes podendo ser evidenciados antes dos 24 meses de idade<sup>16</sup>. Os piores prognósticos estão relacionados com o diagnóstico após os três anos de idade, pois após essa idade a criança passa a ter maiores dificuldades para se adaptar a novos padrões de comportamentos individuais e sociais. Sendo assim, para um prognóstico favorável, é necessário a prescrição e adesão ao tratamento antes da cristalização dos sintomas<sup>4</sup>.

A educação infantil é a base da educação, aprendizagem e o primeiro contato com a escola. Sendo assim, é necessário que os profissionais conheçam as principais características e necessidades dos alunos com TEA, para que seja possível compreender quais estratégias devem ser utilizadas em sala de aula<sup>17</sup>. Segundo Aranha<sup>2</sup> as creches, tem como objetivo educar e formar a criança, que passa a maior parte do tempo sob os cuidados da instituição.

Nos últimos anos, houve um aumento de maneira significativa nas matrículas na educação infantil (creche e pré-escola), resultado do reconhecimento dessas etapas para o bom desenvolvimento das crianças. Em relação a pré-escola, esse aumento teve início no ano de 2012, quando se teve a implantação do programa Brasil Carinhoso, que possui parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), do Ministério da Saúde (MS) e do Ministério da Educação (MEC). Já a creche tem ampliado sua oferta gradativamente, com o suporte do programa Brasil Carinhoso e do programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil (Proinfância)<sup>3</sup>. Conforme as normas que foram estabelecidas pela Lei nº 12.796, todas as crianças brasileiras devem ser matriculadas na educação básica a partir dos quatro anos de idade<sup>5</sup>.

O processo de inclusão escolar envolve obrigatoriedade da escola em educar cada criança, independentemente de sua origem social, étnica ou linguística. Dessa maneira, a proposta de inclusão favorece uma pedagogia que considera e dá ênfase à diversidade, já que todos os alunos podem estar inseridos na escola regular<sup>19</sup>.

Analisar o nível de compreensão sobre o transtorno do espectro autista em profissionais de Centros de Educação Infantil do município de Criciúma/SC.

## Metodologia

Esta pesquisa trata-se um estudo qualitativo exploratório, realizado com professoras da educação infantil da rede pública municipal de ensino de Criciúma, Santa Catarina, Brasil.

Os preceitos éticos que nortearam a pesquisa se baseiam na Resolução nº 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde, tendo obtido parecer favorável pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Extremo Sul Catarinense e tendo sido aprovado com o CAAE: 63502722300000119. O anonimato foi garantido por meio da inclusão de um número para cada participante.

Os critérios de inclusão dos participantes para esta pesquisa foram: idade acima de 18 anos; trabalharem na rede municipal da cidade de Criciúma - SC; que trabalhem regularmente como profissional da educação infantil (pedagogos, educadores físicos, professores de artes) por um período mínimo de 6 (seis) meses na rede municipal da cidade de Criciúma; que tenham assinado o termo de consentimento para participar do estudo.

Para acessar os participantes as escolas da região foram contatadas e a partir da autorização da diretora foi enviado um link para a lista de professores da escola.

A coleta de dados foi realizada através de uma pesquisa online, via formulário no site Google, com perguntas contemplando aspectos de formação das professoras, a respeito do tempo, formato e trabalho das mesmas, bem como perguntas sobre conhecimentos básicos sobre TEA. O instrumento foi produzido pelos autores do estudo, em que a primeira sessão de perguntas foi totalmente produzida pelos mesmos, e a segunda sessão de perguntas foi estruturada e adaptada com baseada em elementos prévios encontrados no questionário produzido por Llg<sup>12</sup> que possui o objetivo de testar os conhecimentos atuais de quem o responde.

## Objetivo

## Resultados e Discussão

Os participantes totalizaram 19 professores da educação infantil, número suficiente

para compreensão do objeto investigativo a partir da saturação dos dados, abrangendo o total de quatro escolas e um Centro de Educação Infantil Municipal.

**Tabela 1. Dados sociodemográficos e de carreira**

<i>PROF</i>	<i>Idade</i>	<i>Sexo</i>	<i>Ano Conclusão da Graduação</i>	<i>Ano Conclusão da Última Formação</i>	<i>Tempo de trabalho na Educação</i>	<i>Atua apenas na Rede Pública</i>	<i>Participou de Capacitação sobre TEA</i>
<i>1</i>	39	F	2009	2012	16 anos	SIM	SIM
<i>2</i>	36	M	2010	2010	1 ano	SIM	NÃO
<i>3</i>	42	F	2017	2017	6 meses	SIM	SIM
<i>4</i>	40	F	2017	2021	4 anos	SIM	SIM
<i>5</i>	46	F	2006	2009	26 anos	SIM	SIM
<i>6</i>	42	F	2007	2022	12 anos	SIM	SIM
<i>7</i>	29	F	2014	2019	8 anos	SIM	SIM
<i>8</i>	21	F	2021	2021	4 anos	SIM	NÃO
<i>9</i>	45	F	2015	2015	7 anos	SIM	NÃO
<i>10</i>	33	F	2018	2018	5 anos	SIM	SIM
<i>11</i>	35	F	2009	2013	5 anos	SIM	NÃO
<i>12</i>	39	F	2013	2022	9 anos	SIM	SIM
<i>13</i>	29	F	2015	2022	7 anos	SIM	SIM
<i>14</i>	34	F	2016	2022	15 anos	SIM	SIM
<i>15</i>	36	F	2019	2023	8 anos	SIM	SIM
<i>16</i>	26	F	2019	2022	5 anos	SIM	SIM
<i>17</i>	29	F	2022	2023	5 anos	SIM	SIM
<i>18</i>	38	F	-	2022	2 anos	SIM	NÃO
<i>19</i>	47	F	2009	2012	18 anos	SIM	SIM

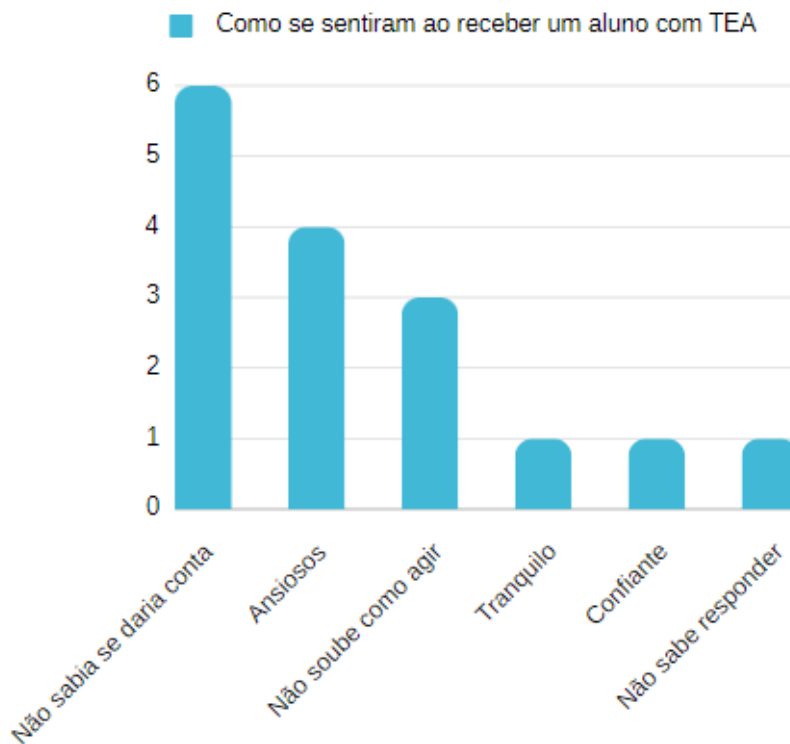
Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Conforme dados apresentados na Tabela 1, identificamos que 73,7% (14) afirmaram já ter participado de alguma capacitação sobre TEA, enquanto 26,3% (5) não participaram de capacitação sobre TEA.

Entre os 19 professores participantes, 78,9% (15) já tiveram em suas turmas pelo menos um aluno com TEA, e outros 21,1% (4) nunca tiveram alunos com TEA. A média do tempo de atuação desses profissionais na educação infantil do município de Criciúma é de 8,2 anos de trabalho na

educação. Apenas um deles é do sexo masculino. Um dos participantes não possui ensino superior, sendo profissional de nível médio (magistério).

Dos 15 professores que já tiveram alunos com TEA, ao responderem sobre como se sentiram ao receber esse aluno, 40% (6) afirmaram que não sabiam se daria conta, 26,6% (4) sentiram-se ansiosos, 20% (3) não sabiam como agir, 6,6% (1) afirmou que se sentiu tranquilo, 6,6% (1) sentiu-se confiante e 6,6% (1) não soube dizer como se sentiu (Figura 2):



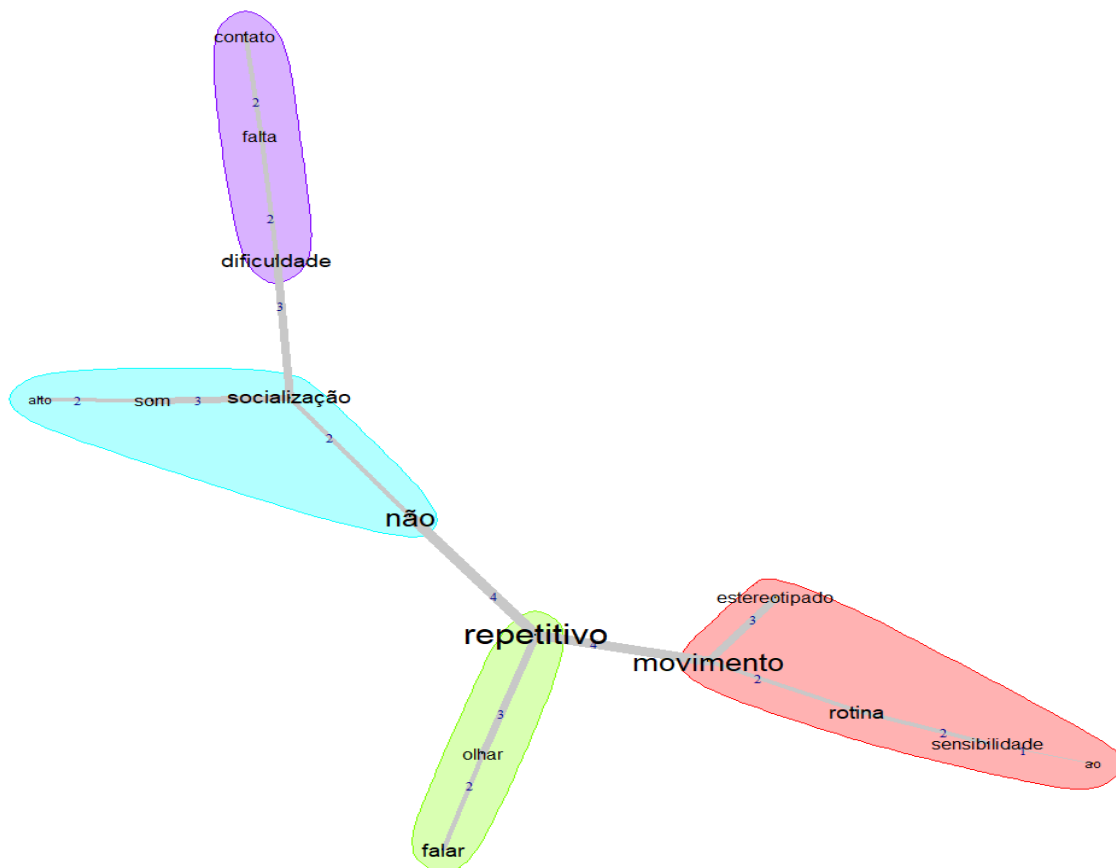
**Figura 2.** Como os professores se sentiram ao receber um aluno com TEA. Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Em relação a saber agir de maneira positiva em uma situação em que um aluno com TEA apresente alterações de comportamento, 84,2% (16) afirmaram que saberiam como agir de maneira positiva e 15,8% (3) responderam que não saberiam.

Quando questionados sobre sentirem que possuem conhecimentos necessários para fornecer um aprendizado adequado para esses alunos, 89,5% (17) afirmaram que não e apenas 10,5% (2) afirmaram que sim.

Sobre as características que os professores participantes da pesquisa reconhecem em alunos com TEA, foram analisadas as respostas por meio do *Software IRAMUTEQ* no modelo de análise de similitude, sendo possível observar conforme as

respostas dos participantes quais palavras foram mais relevantes e quais tem entre si maiores conexões (Figura 2). Pode-se observar no topo da figura as palavras no campo roxo, sendo elas “contato”, “falta” e “dificuldade”. Já na cor azul encontramos uma palavra ainda ligada a “dificuldade”, sendo ela a “socialização”, e ao seu redor palavras como “som”, “não” e “alto”. Nas cores verde e vermelho as palavras conectadas são “repetitivo” e “movimento”, sendo que “repetitivo” foi associado ainda a “olhar” e a “fala”, já “movimento” foi associado a “estereotipado”, “rotina” e “sensibilidade”. Abaixo de cada palavra existe um número demonstrando quantas vezes ela foi repetida pelos participantes.



**Figura 2.** Análise de similitude. Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A análise de similitude, ou de semelhanças, constrói suas bases por meio da teoria dos grafos, parte da matemática que trata das relações que ocorrem entre os objetos em um conjunto, possibilitando assim identificar as ocorrências entre palavras <sup>24</sup>.

Dentro do IRAMUTEQ, essa análise de similitude representa a ligação entre palavras do *corpus* textual. Por meio dela é possível inferir a estrutura de construção do texto e os temas de relativa importância, a partir da concorrência entre as palavras. Esse processo auxilia o pesquisador na identificação da estrutura da base de dados, distinguindo as partes comuns e as especificidades, além de permitir que sejam verificadas em função das variáveis descritivas existentes <sup>24</sup>.

Com relação aos alunos com TEA terem potencial de aprendizagem no ensino regular, dos 19 professores, 52,6% (10) afirmaram que sim, outros 42,1% (8) selecionaram a opção de quem podem aprender, porém sempre precisarão de um professor auxiliar e outros 5,3% (1) respondeu que não teriam potencial de aprendizado em ensino regular. Segundo Neves <sup>15</sup> qualquer aluno possui possibilidades de aprender, e para isso os professores deverão ensinar de formas distintas,

levando em consideração as limitações de cada aluno. Desta forma, os recursos usados devem possibilitar a acessibilidade da criança com deficiência para que seja feita a inclusão de forma íntegra <sup>9</sup>.

Cada vez mais alunos com TEA estão sendo incluídos nas escolas regulares, e com diagnóstico precoce e boas intervenções, esses alunos aumentam suas condições de chegarem ao ensino fundamental incluídos integralmente <sup>26</sup>.

Sobre as atividades propostas em sala de aula, 73,7% (14) acreditam que existe a necessidade de adaptação das mesmas para os alunos com TEA e 26,5% (5) acreditam que, com a presença do professor auxiliar, as atividades propostas podem ser as mesmas realizadas com os demais alunos. Estudos revelam que devido a dificuldades no processamento cerebral perante estímulos sociais, estes são fontes de dificuldades afetando aspectos da aprendizagem <sup>18</sup>. Segundo Utley e Mortweek <sup>25</sup> algumas variações para que exista de fato inclusão desse aluno são possíveis, como o uso de métodos das estratégias de aprendizagem assistida pelos pares (AAP), utilizado para matemática e leitura.

Ainda sobre as alterações nas atividades, 89,5% (17) consideram que existe a necessidade dessa modificação e 10,5% (2) afirmam que seja necessária essa modificação e que esta seria uma demanda para o professor auxiliar. Para o melhor desenvolvimento do aluno com TEA, é essencial para inclusão e aprendizado a atuação do auxiliar juntamente com o professor regente da turma, porém deve-se frisar que cada um deles possui um papel distinto na sala de aula, sendo o papel do auxiliar ser um apoio ao educando e mediador do desenvolvimento do aluno com deficiência, já o papel do professor regente é ser o responsável pela formação e aprendizado de toda uma turma sem exceção de quaisquer alunos<sup>21</sup>.

Ao serem questionados sobre se considerarem capazes de realizar tais modificações nas estratégias de ensino e adequações de atividades atualmente, 68,4% (13) se consideram parcialmente capazes, 26,3% (5) afirmarem se sentirem capazes e 5,3% (1) respondeu que este seria um dos papéis do professor auxiliar. A precariedade na base de formação docente é um dos desafios a ser superado para garantir o sucesso de alunos com TEA na escola regular<sup>6</sup>.

Em uma das perguntas foi questionado se os participantes se consideram capazes de identificar sintomas do TEA em alunos que não possuem um diagnóstico e então encaminhá-lo para uma avaliação. 47,4% (9) se consideram capazes, 47,4% (9) também se consideram capazes, porém não me sentem confortáveis em comentar sobre a suspeita com os pais e apenas 5,3% (1) respondeu que não.

Ao serem questionados sobre como é realizado o diagnóstico de TEA, 68,4% (13) responderam que é realizado por meio de atendimentos clínico, observação de sintomas e comportamentos, 15,8% (3) responderam que seriam todas as opções citadas sendo elas: teste biológico, teste genético, clínico, observação de sintomas e comportamentos e 15,8% (3) responderam que não sabem como é feito o diagnóstico. O diagnóstico de TEA é feito de forma clínica por meio de observação direta do paciente e por meio de entrevista com pais, cuidadores e educadores. Não existem ainda marcadores biológicos e exames específicos para diagnóstico de TEA<sup>1, 11, 22</sup>.

Os professores responderam sobre o uso de medicamentos ser importante, em sala de aula, para melhorar o comportamento das crianças com autismo, e 57,9% (11) afirmaram que sim, 21,1% (4) não e 21,1% (4) outros que não sabiam. O uso de medicamentos é importante quando o aluno

apresenta sintomas que possam prejudicar a funcionalidade de aprendizado, socialização e interferirem de maneira negativa em sua qualidade de vida<sup>13</sup>.

Os participantes responderam sobre o autismo poder estar relacionado a epilepsia, e as respostas foram 52,6% (10) não sabiam, 31,6% (6) responderam que não e apenas 15,8% (3) responderam que sim. Estudos revelam que prevalência de quadros de epilepsia podem ser de 1 a 2% maior nos pacientes com TEA<sup>20</sup>.

Ao responderem sobre a questão de que com a intervenção adequada, a maioria das crianças com TEA acabará “superando” o transtorno, 57,9% (11) responderam que não, outros 26,3% (5) responderam que sim e 15,8% (3) responderam que não sabem. O autismo não tem cura, porém é possível reduzir os sintomas e com o tratamento e estímulos corretos, pode-se até diminuir o nível do TEA apresentado no momento do diagnóstico<sup>7,8</sup>.

## Conclusão

A partir da análise das entrevistas foi possível identificar os conhecimentos e as dificuldades dos professores de receberem e conseguirem transmitir os conhecimentos necessários para os alunos com TEA. Percebe-se que por se tratar de um transtorno com variados sintomas, em que cada criança pode apresentá-los de forma distinta, os profissionais da educação infantil sentem-se inseguros e muitas vezes mesmo já tendo conhecimentos básicos sobre o tema acabam ficando ansiosos com a chegada de um aluno com TEA na turma.

Observou-se que entre os profissionais de educação ainda existem alguns equívocos e lacunas a respeito do autismo, principalmente nas questões que se referem a educação regular. O TEA não possui cura, porém com diagnóstico precoce, tratamento correto e estímulos adequados o aluno com TEA terá uma melhor qualidade de vida e será incluído na vida escolar de maneira mais facilitada. Com base nos dados apresentados, pode-se observar que mesmo com a maioria dos professores tendo conhecimentos básicos corretos sobre autismo, grande parte deles não se sente preparado ou capaz de receber esses alunos na escola regular. Com isso entende-se que os professores precisam ter capacitações específicas e de forma recorrente sobre inclusão, sobre como auxiliar esses alunos em

sala de aula e como ter uma comunicação com os pais e cuidadores.

## Referências

1. American Psychiatric Association. Diagnostic and statistical manual of mental disorders DSM-V. Porto Alegre: Artmed, 2014.
2. Aranha MLA. Desenvolvimento Infantil na Creche: Loyola; 2002. 235 p. ISBN: 9788515008162.
3. BRASIL [Internet]. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).: BRASIL; 2013. Censo Escolar da Educação Básica 2013; [cited 2023 Mar 31]; Available from: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/resumos\\_tecnicos/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_basica\\_2013.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2013.pdf)
4. Canut ACA, Yoshimoto DMR, Silva GS, Carrizo PV, Gonçalves AS, Silva DOF. Diagnóstico Precoce do Autismo: Relato de Caso. Revista de Medicina e Saúde de Brasília [Internet]. 2014 Feb 18 [cited 2023 Apr 4]; Available from: file:///C:/Users/user/Downloads/4254-Texto%20do%20artigo-19303-1-10-20140501.pdf
5. Crianças terão de ir à escola a partir de 4 anos de idade [Internet]. portal.mec.gov.br. Available from: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/18563-criancas-terao-de-ir-a-escola-a-partir-do-4-anos-de-idade>
6. Pereira DM. ANÁLISE DOS EFEITOS DE UM PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO NO DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO E FUNCIONAL DE UM ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO [Internet]. [cited 2023 Jun 6]. Available from: [https://repositorio.ufm.br/bitstream/123456789/14582/1/Debor\\_aMP\\_DISSERT.pdf](https://repositorio.ufm.br/bitstream/123456789/14582/1/Debor_aMP_DISSERT.pdf)
7. Ferreira MMM, França AP de. O Autismo e as Dificuldades no Processo de Aprendizagem Escolar. ID on line Revista de psicologia [Internet]. 2017 Nov 30;11(38):507-19. Available from: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/916>
8. Geremias A, Oliveira', Abreu M, Broleze', Romano L. AUTISMO E NEURÔNIO-ESPELHO [Internet]. [cited 2021 Sep 27]. Available from: [https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/018\\_autismo.pdf](https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/018_autismo.pdf)
9. GROSSI MGR, GROSSI VGR, GROSSI BHR. O processo de ensino e aprendizagem dos alunos com TEA nas escolas regulares: uma revisão de teses e dissertações. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. 2020;20(1).
10. Kassar M de CM. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E OS POSSÍVEIS IMPACTOS NA ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS. Cad CEDES [Internet]. 2014 May;34(93):207-24. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622014000200005>
11. Klin A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Revista Brasileira de Psiquiatria [Internet]. 2006 May;28(suppl 1):s3-11. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462006000500002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002)
12. Llg Jennifer, Clément Céline, Hauth-Charlier Stéphane. Questionnaire d'évaluation des connaissances sur les TSA [Unpublished Manuscript on the Internet]: Université de Strasbourg.; 2012. Questionnaire d'évaluation des connaissances sur les Troubles du Spectre de l'Autisme; [cited 2022 May 20]; Available from: [https://www.researchgate.net/profile/Celine-Clement-2/publication/311588247\\_Knowledge\\_assessment\\_questionnaire\\_on\\_Autism\\_Spectrum\\_Disorder/links/584fb30308ae4bc8993b30af/Knowledge-assessment-questionnaire-on-Autism-Spectrum-Disorder.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Celine-Clement-2/publication/311588247_Knowledge_assessment_questionnaire_on_Autism_Spectrum_Disorder/links/584fb30308ae4bc8993b30af/Knowledge-assessment-questionnaire-on-Autism-Spectrum-Disorder.pdf)
13. Lopes AMC da S. O autismo e suas conexões: qual medicação para o autista? Psicologia em Revista [Internet]. 2019 Dec 1 [cited 2022 Nov 17];25(3):1343-52. Available from: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=7-11682019000300026#:~:text=2,-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=7-11682019000300026#:~:text=2,-)
14. Malheiros GC, Pereira MLC, Mansur MC, Mansur OMF de C, Nunes LR de O de P. BENEFÍCIOS DA INTERVENÇÃO PRECOCE NA CRIANÇA AUTISTA. RCFMC [Internet]. 31º de julho de 2017 [citado 1º de junho de 2023];12(1):36-44. Disponível em: <https://revista.fmc.br/ojs/index.php/RCFMC/article/view/121>
15. Neves PF de AC. Descortinando os propósitos da educação para as crianças com transtorno do espectro autista: em cena os serviços de apoio. repositoriobcufgbr [Internet]. 2018 Mar 27 [cited 2023 Jun 6]; Available from: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8454>
16. Oliveira G. Autismo: diagnosis and management Part I - Monitoring, screening and management in primary health care Autismo: diagnóstico e orientação Parte I -Vigilância, rastreio e orientação nos cuidados primários de saúde. Acta Pediatr Port [Internet]. 2009;40(6):278-87. Available from: <https://www.cpjoimbra.com/wp-content/uploads/2017/03/Autismo.pdf>
17. Paula JB, Peixoto MF. A INCLUSÃO DO ALUNO COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES. Cadernos da Pedagogia [Internet]. 2019 Dec 6 [cited 2023 Jun 6];13(26). Available from: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1289>
18. Pierce K, Schreibman L. Using Peer Trainers to Promote Social Behavior in Autism. Focus on Autism and Other Developmental Disabilities. 1997 Nov;12(4):207-18.
19. Quintana M. GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSÃO E DIVERSIDADE: REFLEXÕES PARA A CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO [Internet]. [cited 2023 Jun 6]. Available from: [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem\\_pedagogica/fev\\_2010/inclusao\\_diversidade.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2010/inclusao_diversidade.pdf)
20. Rocha CC da, Gondim CB, Gomes TA, Santos LCMM dos, Silva I de AC e. Autismo associado à epilepsia: relato de caso. Revista Eletrônica Acervo Saúde. 2019 Feb 3;(20):e337.
21. Santos E, Horizonte B. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE DE EDUCAÇÃO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES O AUXILIAR DE APOIO AO EDUCANDO NA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA [Internet]. 2019. Available from: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/33163/1/TCC-%20completo%20revisado.pdf>
22. Saúde OM da. CID-10: classificação de transtornos mentais e de comportamento a CID-10: critérios diagnósticos para pesquisa. CID-10: classificação de transtornos mentais e de comportamento a CID-10: critérios diagnósticos para pesquisa [Internet]. 1998;262-2. Available from: <https://pesquisa.bvsalud.org/bvsmis/resource/pt/mis-24187>
23. Schechter R, Grether JK. Continuing Increases in Autism Reported to California's Developmental Services System. Archives of General Psychiatry. 2008 Jan 1;65(1):19.
24. Silva Andressa Hennig, Fossá Maria Ivete Trevisan. ANÁLISE DE CONTEÚDO: EXEMPLO DE APLICAÇÃO DA TÉCNICA PARA ANÁLISE DE DADOS QUALITATIVOS. Qualit@s Revista Eletrônica [Internet]. 2015 May 12 [cited 2023 May 30];17 Available from: <http://www.fci.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/2113-7552-1-PB.pdf>
25. Utley CA, Mortweet SL, Greenwood CR. Peer-Mediated Instruction and Interventions. Focus on Exceptional Children. 2017 Dec 1;29(5).
26. Volkmar Fred R., Wiesner Lisa A. Autismo: Guia Essencial para Compreensão e Tratamento. [place unknown]: Artmed; 2019. 368 p. ISBN: 978-85-8271-521-